

Shell Brasil tem interesse

A Shell Brasil, que possui investimentos de 1 bilhão de dólares na distribuição de derivados de petróleo e na produção de alumínio, admite a disposição de converter parte substancial de sua dívida de 300 milhões de dólares com bancos estrangeiros em capital de risco. Seu presidente, o inglês nascido em Portugal, Robert Anthony Broughton, quer crescer no Brasil e acompanha com atenção o movimento de dois concorrentes diretos em sair do país — as americanas Atlantic e Texaco, em negócios que poderiam envolver pouco menos de 400 milhões de dólares. “Temos interesse nelas, mas não estamos negociando”, esclarece Broughton.

Cauteloso, ele acredita que a iniciativa pela conversão deve partir dos bancos credores, os principais interessados em ter um

retorno compensador e efetivo, cabendo ao governo brasileiro emitir sinais claros de sua vontade de equacionar o problema. “A conversão da dívida será uma declaração inequívoca de que o Brasil tem uma atitude construtiva e não xenófoba”, diz Broughton.

Ele imagina uma operação triangular passível de ser concretizada — a empresa *compra* no exterior a dívida de uma estatal brasileira, paga em dólares no exterior e recebe em cruzados do Banco Central. Este modelo já foi executado pela Shell no Chile, que aplicou em mineração de cobre e ouro. Aliás, o presidente da Shell no Brasil acharia normal que o governo Sarney exigisse, em cada caso de conversão, a realização de novos investimentos.